

Desinformação em Moçambique em contexto eleitoral: a importância da verificação de fatos ¹

Liliane de Lucena Ito²

Micas Abílio Mavulula³

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Universidade Estadual Paulista – UNESP

Resumo: A presente pesquisa analisa o fenômeno da desinformação no ambiente digital moçambicano, com foco nos períodos pré e pós-eleitoral das eleições gerais de 2024. Para tanto, foram utilizadas as metodologias de revisão bibliográfica, estudo de caso e análise exploratória, com o objetivo de compreender as dinâmicas da desinformação de caráter político. Os dados analisados apontam que a disseminação de conteúdos desinformativos ocorreu de forma coordenada, com a finalidade de manipular e desorientar o eleitorado. Verificou-se o papel estratégico desempenhado pelo MISA Moçambique nas atividades de checagem de fatos, evidenciando sua importância no enfrentamento à desinformação. Todavia, identificaram-se limitações estruturais significativas na atuação dessa entidade, que opera de maneira quase isolada no contexto nacional. Conclui-se pela necessidade urgente de mecanismos institucionais mais robustos e articulados, suscetíveis de garantir a circulação de informações verificadas, contribuindo para o fortalecimento do processo democrático em Moçambique.

Palavras-chave: desinformação; fact-checking; Moçambique; jornalismo; eleições moçambicanas.

Introdução

Com o surgimento da Web 2.0, no início dos anos 2000, que incorpora a componente da interatividade, a comunicação e a sociedade modificaram-se, tornando-se cada vez mais líquidas (Bauman, 2001). O receptor, antes visto como passivo, passou a ser ativo nos meios. Um fenômeno semelhante ocorreu com o advento das redes sociais digitais, em paralelo ao desenvolvimento dos smartphones. Os indivíduos tornaram-se protagonistas frente aos meios: mais do que apenas opinarem sobre a satisfação com os conteúdos, passaram a ser os próprios meios, “assumindo cada vez mais processos antes exclusivos da mídia tradicional” (Gillmor, 2005). Assim, passaram a produzir conteúdos e discursos midiáticos tanto de forma positiva quanto negativa, este último que contribuiu para o surgimento do fenômeno da desinformação.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Desinformação, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Pós-doutora em Comunicação e Práticas de Consumo (ESPM), doutora em Comunicação (Unesp) e professora efetiva no departamento de Jornalismo da Universidade Estadual Paulista (UNESP) e do Mestrado em Comunicação Digital do IDP-Brasília. E-mail: liliane.ito@unesp.br.

³ Mestrando do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista – UNESP. Professor efetivo na Escola Superior de Jornalismo de Moçambique. E-mail: micas.mavulula@unesp.br.

A desinformação, enquanto fenômeno que compromete a essência das notícias no ambiente virtual, representa um desafio significativo e estrutural para a comunicação – especialmente para o jornalismo diário. Na versão em português (2023) do relatório encomendado em 2017 pelo Conselho Europeu, denominado *Information Disorder*, Wardle e Derakhshan explicitam as diferenças entre desinformação, informação falsa (*mis-information*) e informação maliciosa (*mal-information*). Enquanto desinformação objetiva enganar ou confundir; informação falsa é aquela que, apesar de falsa, é repassada sem tal intenção; já informação maliciosa seria a que, apesar de baseada na realidade, é usada para causar prejuízos a outrem – seja uma marca, pessoa, instituição ou país.

Tai Nalon (2024, on-line), jornalista, cofundadora e diretora executiva da agência de checagem brasileira *Aos Fatos*, afirma que a desinformação no ambiente digital obedece basicamente a dois ecossistemas: “um primeiro, composto por informações erradas – isto é, reproduzidas de forma equivocada, sem a intenção de causar danos – e um segundo, representado por desinformações coordenadas, criadas com fins lucrativos e a intenção deliberada de causar prejuízos”.

Assim como no Brasil, o fact-checking tem sido um importante contraponto ao combate à desinformação no mundo todo. Segundo o banco de dados da Universidade de Duke, que mapeia iniciativas de fact-checking em nível mundial, há 446 instituições do tipo atuantes em ao menos 102 países. Os pioneiros foram o *Factcheck.org*, associado à Universidade da Pensilvânia e lançado em 2003, e o *Channel 4 Fact Check*, do Reino Unido, de 2005.

Entretanto, em alguns países, as iniciativas de checagem de fatos ainda estão se desenvolvendo. Segundo Uamasse (2024), que entrevistou 20 jornalistas de Moçambique, a verificação de fatos no país africano de 34.090.466 habitantes (INE, 2017), enfrenta nas dificuldades financeiras e na ausência de treinamentos junto às redações profissionais os maiores empecilhos para que o fact-checking seja incorporado aos órgãos privados e públicos de comunicação social.

Neste trabalho, de caráter exploratório, o objetivo principal foi realizar uma investigação sobre a desinformação política em Moçambique. País africano com IDH muito inferior ao Brasil (0,461 pontos e 0,786 pontos, respectivamente), Moçambique foi escolhido exatamente por encontrar-se na categoria de baixo desenvolvimento humano, ocupando a 183ª posição entre 191 países e territórios (Checo, 2024, online). O enfoque

busca, então, analisar de forma crítica como o combate à desinformação tem sido realizado em uma localidade abaixo do Brasil em termos de desenvolvimento e economia.

Para tal, foram observadas peças de desinformação relacionadas ao tema, uma vez que o país passou por eleições presidenciais em outubro de 2024. O recorte temporal vai do mês que antecede as eleições (setembro) ao mês seguinte ao pleito (novembro), no ano de 2024. A partir do método do estudo de caso, mapeou-se como a desinformação foi coordenada para enganar e confundir a população moçambicana. Diversas tiveram circulação amplificada nas redes sociais digitais, como o Facebook, assim como visto no exemplo abaixo:



Fig. 1: Desinformação desmentida pela MISA. **Fonte:** captura de tela do Facebook

Dentre os resultados, para além do mapeamento sobre temáticas recorrentes, características retóricas e de formato das peças de desinformação, observou-se a relevância do trabalho da organização não-governamental MISA (Instituto de Mídias da África Austral), em sua delegação de Moçambique, para a checagem de fatos. A partir da análise de métricas públicas das postagens da MISA, foi possível compreender a repercussão de tais verificações, além da interpretação sobre as limitações que o órgão possui devido ao fato de ser um dos únicos mecanismos de fact-checking no país.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

CHECO, Paulo. IDH 2023: Moçambique avança nos principais indicadores, mas continua na cauda do ranking. Agência de Informação de Moçambique. Disponível em: < <https://aimnews.org/2024/03/19/idh-2023-mocambique-avanca-nos-principais-> > . Acesso em: 10 jul. 2025

GILLMOR, Dan. *Nós, os media*. Lisboa: Editorial Presença, 2005.

NALON, Tai. *Desinformação em eleições municipais: o que esperar?*. Canal do YouTube da Abraji. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=YMQG75LY-xc> >. Acesso em: 22 jun. 2025.

UAMASSE, Precidónio. *Jornalismo em Moçambique dá os primeiros passos para a verificação de fatos*. IJnet.com. Publicado em: 23 set. 2024. Disponível em: < <https://ijnet.org/pt-br/story/jornalismo-em-mo%C3%A7ambique-d%C3%A1-os-primeiros-passos-para-verifica%C3%A7%C3%A3o-de-fatos> >. Acesso em: 22 jun. 2025.

WARDLE, Claire; Hossein, DERA KHSHAN. *Desordem Informacional*: para um quadro interdisciplinar de investigação e elaboração de políticas públicas. Tradução de Pedro Caetano Filho e Abilio Rodrigues. Campinas, UNICAMP, Centro e Logica, Epistemologia e História da Ciência, 2023.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA. Censo populacional 2017. Disponível em: <<https://www.ine.gov.mz/>>. Acesso em: 22 jun. 2025.